
Entrevista com o Prof. Dr. Cláudio Laks Eizirik (entrevistado pelo Prof. Dr. Mário Eduardo Costa Pereira, em 9/8/2004)

Prof. Dr. Mário Eduardo Costa Pereira (Prof. Dr. M.C. Pereira): *O senhor. é o primeiro brasileiro eleito presidente da International Psychoanalytical Association (IPA). Qual a importância deste fato para a psicanálise?*

Prof. Dr. Cláudio Laks Eizirik (Prof. Dr. C. Eizirik): Se considerarmos que a IPA foi estabelecida em 1910, e que apenas em 1991 teve seu primeiro presidente latino-americano, Horácio Etchegoyen, e que a partir de julho de 2005 terá o segundo de nossa região e o primeiro brasileiro, já vemos como estamos lentamente chegando a uma real internacionalização da Associação.

Este fato significa que necessitamos uma postura de reconhecimento das capacidades e realizações da psicanálise brasileira, e da importância de que tais dados tenham um mais amplo conhecimento. Padecemos ainda de um certo sentimento de inferioridade em relação aos colegas da Europa e da América do Norte, que é correspondido, em certa medida, por uma visão de nosso país como um lugar habitado pela violência urbana e pelas desigualdades sociais e a corrupção. Embora tais fatos existam, a ciência, a tecnologia, a pesquisa e o desenvolvimento de muitas novas áreas estão em franca expansão no Brasil.

No caso específico da psicanálise, nosso instrumento de trabalho é nossa mente analítica, nosso próprio inconsciente, desenvolvido e mantido em bom funcionamento por meio de uma adequada formação em instituições sólidas e éticas. Viajando com frequência para muitos países e participando de inúmeras atividades clínicas e teóricas, o que observo é que praticamos uma psicanálise de alto nível, igual ou superior ao que se vê nos melhores centros de excelência. Ora, uma das funções de um presidente brasileiro e latino-americano é justamente encontrar modos de tornar essa realidade mais conhecida e inserir mais a psicanálise brasileira no cenário internacional, por todas as formas possíveis.

Uma delas será que um número sem precedentes de analistas de nossa região participará de comitês, atividades, congressos e intercâmbios em todos os níveis. A outra é que nossa forma de apreensão da psicanálise poderá ser melhor conhecida, contribuindo para tornar a presença brasileira mais sólida no cenário internacional.

Prof. Dr. M.C. Pereira: *Quais serão suas principais metas e projetos em sua gestão?*

Prof. Dr. C. Eizirik: A IPA congrega cerca de 11.000 analistas que se distribuem por 35 países da América Latina, América do Norte e Europa, havendo sociedades também no Japão, na Índia, na Austrália e novos grupos sendo desenvolvidos no Leste europeu, no Oriente Médio e contatos em andamento com a China. Sua sede é em Londres, e é dirigida por um Board que inclui o presidente, o secretário, o tesoureiro e sete representantes de cada região. Esse colegiado se reúne duas vezes ao ano e se mantém em contato constantemente por e-mail. É uma estrutura complexa, mas tem funcionado muito bem, apesar de todas as questões difíceis que deve discutir e administrar, incluindo a formação analítica, congressos e eventos, questões internas das sociedades, estabelecimento de novos grupos, relações com a cultura e com outros grupos psicanalíticos, comunicação com os membros etc. Como se pode ver, é uma instituição que perpassa culturas, regiões, tradições psicanalíticas e distintas inserções sociais, e que deve ser capaz de reconhecer diferenças e ao mesmo tempo promover uma prática analítica de qualidade.

Uma primeira meta é justamente melhorar a comunicação da IPA com seus membros e com as sociedades componentes, não só por razões administrativas, mas principalmente para ampliar e desenvolver um amplo e contínuo programa científico, que privilegie o intercâmbio entre as regiões.

Temos a cada dois anos nosso Congresso Internacional. Por sinal, o próximo será em julho de 2005, no Rio de Janeiro, o primeiro a ser realizado no Brasil, e maiores informações sobre o mesmo, o 44º internacional, podem ser

obtidas no site da IPA, www.ipa.org.uk. Sua preparação está bastante adiantada e teremos uma ampla oportunidade para refletir sobre as principais questões da psicanálise contemporânea. O próximo, que será em Berlim em 2007, já está começando a ser pensado. Além desses grandes eventos, pretendemos desenvolver um programa de eventos menores, clínicos ou temáticos, privilegiando as discussões em pequenos grupos, que podem ser continuadas pela Internet, algo que está acontecendo. Dentro deste propósito, é necessário aumentar o intercâmbio entre as regiões geográficas, bem como o diálogo com psicanalistas de outras filiações.

Outro setor prioritário será o de publicações. Temos publicado dois livros anualmente, reunindo a experiência de analistas de vários países sobre temas atuais. Em 2003, estes foram sobre métodos de pesquisa em psicanálise e sobre a violência e o terrorismo. Pretendemos ampliar esta área e incluir traduções de autores de tradição menos conhecida, como a latino-americana, a italiana e a alemã para o inglês e o francês.

Pensamos que uma atenção especial deve ser dada à formação analítica, cujo rigor e qualificação sempre foram uma marca registrada da IPA. É indispensável considerar que diferentes culturas analíticas desenvolvem formas específicas de formação e precisamos conhecer melhor, discutir e comparar os diferentes modelos de formação disponíveis.

O contato com a cultura e a universidade, o estímulo à reflexão sobre formas de investigar e validar psicanálise, os desenvolvimentos da psicanálise de crianças e adolescentes, de adultos maduros e de velhos são outras áreas a serem consideradas.

Prof. Dr. M.C. Pereira: *A forte pressão no sentido da regulamentação da prática psicanalítica face ao Estado surge, nos dias de hoje, como uma tendência mundial. Como o senhor avalia esse fenômeno?*

Prof. Dr. C. Eizirik: Trata-se de um fenômeno que ocorre em quase todos os países. Há poucas semanas, Elizabeth Roudinesco lançou um livro discutindo criticamente esta questão. O fato é que uma enorme gama de instituições e profissionais se declaram psicanalistas, o que gera uma confusão no campo técnico e na mente dos pacientes. Como ocorre em outras atividades, é inevitável que o Estado pretenda regulamentar esta prática. O maior risco, que já observamos no Brasil, foram tentativas de regulamentar com critérios e padrões extremamente baixos. A Associação Brasileira de Psicanálise (ABP), que reúne as sociedades filiadas à IPA no Brasil, tem conseguido agir com sucesso contra tais regulamentações, feitas desta forma, em ações conjuntas com outras instituições e os Conselhos Federais de Medicina e de Psicologia.

Prof. Dr. M.C. Pereira: *Essa pressão pela regulamentação da chamada “profissão” de psicanalista obrigou a que psicanalistas de diferentes filiações institucionais e de diferentes posições teórico-clínicas começassem a conversar entre si e a colocar em debate a questão da formação psicanalítica e do reconhecimento interinstitucional. Como o senhor se posiciona diante desse movimento tão marcante?*

Prof. Dr. C. Eizirik: Tenho apoiado, dentro da ABP, tais iniciativas, a mais recente das quais foi a criação da Associação Brasileira de Psicoterapia. Penso que esse diálogo é indispensável para todas as instituições e profissionais que estão identificados com modelos rigorosos de formação e acompanhamento do trabalho clínico. Até muito recentemente, cada instituição ou escola do pensamento psicanalítico vinha travando suas próprias lutas, em trajetórias paralelas ou mesmo antagônicas. Penso que nossa luta comum deve ser a de estimular o diálogo sem apoiar uma redução da complexidade e do rigor metodológico necessários. Assim como em Nova Orleans, no último Congresso Internacional da IPA, houve discussões sobre material clínico com colegas lacanianos e junguianos e recentemente participei em São Paulo de um diálogo aberto com o presidente eleito da Associação Internacional de Psicologia Analítica (junguiana), acredito que o momento requer que sentemos e discutamos nossas formações, nossas teorias básicas e nossa forma de praticar a psicanálise. Minha preocupação básica, e a que compartilho com os membros do Comitê Executivo da IPA é defender uma prática analítica e critérios de formação que não exponham os pacientes e nossa comunidade a riscos e a uma versão aguada e falsa de psicanálise.

Prof. Dr. M.C. Pereira: *Um outro fato de grande importância para as relações entre a psicanálise e o Estado é a crescente exigência de que aquela demonstre suas proposições e sua eficácia segundo parâmetros de controle estatístico-populacionais e experimentais. Há mesmo quem proponha a interdição legal das práticas clínicas que não possam ser submetidas e validadas sob este crivo. Como o senhor entende que a psicanálise deve se posicionar diante desse novo desafio?*

Prof. Dr. C. Eizirik: A IPA tem trabalhado muito neste sentido, por meio de seu Comitê de Pesquisa, e temos nos últimos anos uma quantidade significativa de estudos sobre resultados do tratamento analítico, publicados em conjunto num livro editado por Peter Fonagy. Tais estudos, realizados na Suécia, na Alemanha, nos Estados Unidos, por exemplo, evidenciam os resultados altamente positivos da psicanálise, segundo diversos critérios, qualitativos e quantitativos. Gostaria de destacar e recomendar a leitura de um desses estudos, de Marianne Letzinguer-Bohleber et al., “How to study the quality of psychoanalytic treatments and their long-term effects on patients well being: a representative, multi-perspective

follow-up study”, publicado no *International Journal of Psychoanalysis*, 2003, v. 84, p. 263-90.

Naturalmente, temos aqui uma acirrada discussão dentro da própria IPA, entre os analistas que reconhecem a validade e a necessidade de tais estudos, como Otto Kernberg e Robert Wallerstein, e os que criticam o que consideram a impossibilidade de apreender a essência da relação analítica e a sutileza das transformações psíquicas mediante instrumentos externos e toscos, conforme destaca André Green. Ou seja, estamos desenvolvendo – e devemos continuar fazendo-o –, instrumentos ou formas de avaliar a prática psicanalítica que respeitem sua especificidade. Esta é uma bela questão, que nos tem rendido discussões e debates em vários cenários internacionais.

De minha parte, concordo que é de fato quase impossível avaliar com objetividade a essência de uma relação tão íntima e complexa como a analítica, mas que, mesmo assim, necessitamos de tais estudos, assim como desenvolver formas de avaliar a mudança psíquica por meio de estudos de caso, sessões dialogadas, exame da evolução dos sonhos e de representações das mudanças perceptíveis nos objetos internos. O que nossa época não mais aceita são apenas argumentos de autoridade, no sentido de que tal ou qual tratamento funciona porque seus praticantes assim o dizem ou porque tem uma tradição de tantos anos. Não que a experiência clínica bem-sucedida de mais de cem anos não seja nossa base sólida comum da psicanálise como método clínico; além dela, precisamos avançar com metodologias que lhe sejam específicas e com outras que deve poder compartilhar com outros métodos terapêuticos.

Em suma, estamos preparados e continuamos refinando nossos procedimentos para entrar nesta discussão. Penso que outras modalidades terapêuticas também estão neste caminho, e reconheço que a exigência que se faz a todos os métodos é válida e mesmo necessária.

Prof. Dr. M.C. Pereira: *Estamos no limiar de profundas modificações na nosografia psiquiátrica oficial. Os sistemas de diagnóstico baseados em critérios explícitos e diretamente objetiváveis vinham assumindo até agora o papel de fiadores de uma unificação internacional da linguagem psiquiátrica. Indo além de seus limites, passaram até mesmo a servirem de guias para a entrevista psiquiátrica e para a própria prática clínica. Contudo, em função mesmo desse sucesso tão intenso – desses abusos –, parecem ter chegado ao esgotamento de suas possibilidades. Cresce a necessidade e o apelo para que os sistemas diagnósticos reintroduzam a singularidade do paciente e suas referências socioeconômico-culturais específicas, ou seja, que revalorizem a prática clínica da psiquiatria.*

O senhor participará, em setembro próximo, no Rio de Janeiro, do I Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental, no qual estará também o Dr. Juan Mezzich, presidente da WPA (World Psychiatric Association) e do Conselho de revisão da Seção de Transtornos Mentais da CID-XI, da OMS. Qual a posição da IPA diante dessa eventual revalorização da dimensão subjetiva no diagnóstico psiquiátrico? O senhor considera que os psicanalistas deveriam participar desse projeto de transformação no campo psiquiátrico? Sob que condições e modalidades?

Prof. Dr. C. Eizirik: A pretensão dos sucessivos DSMs de serem atóricos revelou-se uma falácia. Devemos rediscutir todo o sistema classificatório, pois estamos observando uma tentativa de padronização que está levando a um empobrecimento da clínica psiquiátrica. De fato, pretender fazer diagnósticos de quadros complexos e muitas vezes de co-morbidades apenas com os manuais de diagnóstico internacionais, sem considerar a psicopatologia, a história natural das doenças e as inúmeras variáveis envolvidas, leva a uma prática mais pobre, reducionista e que inevitavelmente conduz a opções terapêuticas predominantemente medicamentosas. Aos cinco eixos dos DSMs, é necessário acrescentar um sexto, sobre os aspectos psicodinâmicos, a relação transferencial, em suma, a dimensão subjetiva que você tão bem destaca.

A IPA não só se posiciona fortemente a favor desta revalorização da dimensão subjetiva do diagnóstico psiquiátrico, como está ativamente engajada numa iniciativa da Associação Psicanalítica Norte-Americana de discutir os atuais sistemas e propor modificações neste sentido. Tanto nosso atual presidente, Daniel Widlöcher, como vários outros colegas europeus e latino-americanos estão envolvidos nesta atividade.

Prof. Dr. M.C. Pereira: *Para encerrar, como o senhor avalia o estado atual das experiências de práticas psicanalíticas fora do contexto da clínica privada, sobretudo das práticas de psicanálise em instituições públicas de saúde?*

Prof. Dr. C. Eizirik: Qual o sentido de uma disciplina que não se ocupa da saúde da população? A psicanálise, em sua forma específica, tem um alcance relativamente limitado, embora Freud já tenha alertado que um tratamento analítico bem-sucedido poderia beneficiar ao redor de cinquenta pessoas, o círculo de relações do paciente. Mas conforme a atividade do paciente este número pode ser ainda maior. A clínica privada é uma das dimensões possíveis da psicanálise, mas há muitas outras, seja através das clínicas sociais, seja através da aplicação de técnicas derivadas da psicanálise, como a psicoterapia de orientação analítica, a psicoterapia breve dinâmica, as psicoterapias grupais etc.

Temos uma longa experiência nessas áreas, no Brasil, e acompanhamento, em nosso Departamento de Psiquiatria da UFRGS, tais esforços desde a década de 1970, em que formamos sucessivas gerações de psiquiatras com orientação dinâmica e psicoterapeutas de orientação analítica. Temos inclusive um livro-texto sobre Psicoterapia de Orientação Analítica, inicialmente lançado em 1989, e que será publicado, numa nova e totalmente reformulada edição, em outubro deste ano (Eizirik, Aguiar e Schestatsky, Artes Médicas) em que procuramos situar o estado atual da arte, com capítulos dos principais autores internacionais e nacionais da disciplina. Examinamos os fundamentos teóricos, as bases da técnica e a seguir há uma série de capítulos dedicados a cada uma das principais entidades clínicas, procurando mostrar como proceder uma abordagem psicodinâmica em cada uma delas.

Assim, penso que a psicanálise, mesmo sendo uma técnica restrita em termos numéricos (e não adianta aumentar o número de analistas mediante formações sumárias e sem um mínimo de credibilidade, pois o que produzirão é essencialmente iatrogenia), pode ter um efeito terapêutico ampliado, por meio das clínicas sociais mantidas por todas as sociedades psicanalíticas (que oferecem análise e psicoterapia a preços reduzidos) e bem mais amplo ainda pelas várias técnicas derivadas da psicanálise.

Avalio tais iniciativas como muito positivas, em especial as que ocorrem no cenário universitário, onde além de seus benefícios terapêuticos, tem sido um fértil campo para pesquisas sobre efetividade de psicanálise e psicoterapias. Em nosso programa de Pós-graduação, na UFRGS, temos alguns estudos em andamento e, no cenário latino-americano, há alguns projetos financiados pela IPA para avaliar os dados demográficos, os resultados e o processo analítico.

Finalmente, gostaria de agradecer esta oportunidade de tornar mais conhecidos alguns aspectos da IPA e de discutir alguns dos temas desafiadores de nossa área, além de estender aos leitores da *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* um cordial convite para que participem do Congresso Internacional de Psicanálise de 2005, no Rio de Janeiro.